A geografia dos shopping centers *no Brasil*

A presença dos *shopping centers* (SCs) no Brasil é um fato relativamente recente. O primeiro desses estabelecimentos instalou-se apenas em 1966, na cidade de São Paulo. Em 2007, o número de SCs era 346. Se há 40 anos só a capital dos paulistas tinha a primazia sobre esse tipo de centro comercial, hoje os SCs podem ser encontrados em quase todas as unidades federativas do país, com exceção de Roraima, Rondônia, Acre, Amapá e Tocantins. O Brasil ocupa o décimo lugar do mundo em número de SCs instalados.

A importância da chamada "indústria" de SCs no Brasil pode ser avaliada pelos seguintes dados: ela abriga mais de 1.000 lojas-âncora, quase 40 mil lojas-satélite, cerca de 1.300 salas de cinema/teatro e, aproximadamente 500 mil veículos em seus estacionamentos. Além disso, os SCs são responsáveis por mais ou menos 500 mil empregos diretos.

Uma análise da evolução do número de SCs no Brasil permite constatar que o grande crescimento desse tipo de comércio ocorreu na última década do século XX. De 1966 a 1971, o SC Iguatemi de São Paulo reinou absoluto no mundo dos *shoppings*. Nos anos seguintes a esta última data surgiram seis novos SCs: em Brasília, no Paraná, na Bahia, em Minas Gerais e mais dois em São Paulo.

A partir da segunda metade da década de 1980, o crescimento do número de SCs foi vertiginoso, e o fenômeno, além de se reproduzir em quantidade cada vez maior de estados, também se expandiu em cidades em que esse tipo de estabelecimento comercial já existia anteriormente.

Todavia, foi ao longo da década de 1990 que o crescimento numérico dos SCs ampliou-se de modo significativo. Em 1991, existiam no país 90 SCs. Atualmente, essa cifra é quase o quádruplo. Se, no início, só as capitais estaduais abrigavam tal empreendimento, ao longo da década de 1980 e, principalmente no decênio seguinte, ele se disseminou por um grande número de cidades médias e capitais regionais.

O contexto em que surgiu o primeiro SC no Brasil foi marcado, politicamente, pelo início da consolidação do regime autoritário que havia se implantado no Brasil desde 1964. Economicamente, o país vivia o momento que antecedeu um curto período de expressivo crescimento econômico, conhecido como o "milagre" brasileiro.

Demograficamente, o Brasil vivia uma época de elevado crescimento vegetativo, ao mesmo tempo em que acontecia um rápido e intenso processo de urbanização e industrialização. Fato interessante de se notar é que o recenseamento de 1970 registrava, pela primeira vez na história brasileira, mais pessoas morando nas áreas urbanas (55,9%) que nas rurais. A cidade de São Paulo contava àquela época com quase 6 milhões de habitantes e já se constituía, há algum tempo, na maior cidade do país.

A atual distribuição dos SCs pelas regiões brasileiras mostra que a região Sudeste concentra pouco mais de 55% de todo esse tipo de comércio. Em segundo lugar vem a região Sul (20%), seguida das regiões Nordeste (14%), Centro-Oeste (9%) e Norte (2%). O Sudeste também confirma sua liderança, concentrando cerca de dois terços do número de lojas e dos empregos gerados pelo setor.

Em termos estaduais, São Paulo e Rio de Janeiro reúnem quase metade de todos os SCs existentes no Brasil. O número desses empreendimentos também é expressivo em Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

A distribuição dos SCs em São Paulo mostra a primazia da cidade em relação às outras do estado. Assim, a capital paulista concentra quase 50% dos SCs existentes no estado. Essa proporção atinge aproximadamente dois terços, se considerarmos os SCs instalados em outras cidades da Região Metropolitana da Grande São Paulo. No interior do estado, destacam-se algumas capitais regionais, especialmente os polos tecnológicos de Campinas e São José dos Campos. No entanto, em termos nacionais, a participação dos SCs instalados em cidades do interior vem crescendo rapidamente. Atualmente, quase metade dos SCs está localizada em núcleos urbanos interioranos.

Em resumo pode-se afirmar que a atual distribuição dos SCs no Brasil reproduz quase fielmente as condições socioeconômicas vigentes, ressaltando, de forma direta, os grandes desequilíbrios regionais e, indireta, as desigualdades sociais existentes em nosso país.